

ESTUDOS

Entre bichos e monstros: os livros preferidos por crianças hospitalizadas*

Beatriz Levanteze de Burgos^IMelissa da Silva Santos^{II}Márcia Abreu^{III}<https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.106.6452>

Resumo

Muitas iniciativas têm sido desenvolvidas no sentido de humanizar o tratamento hospitalar, por meio de atividades lúdicas para crianças internadas, entre elas sessões de contação de histórias. Já se sabe que o contato com narrativas apresenta resultados positivos para o bem-estar geral das crianças. Entretanto, faltam estudos que examinem suas preferências em relação aos livros. Esta pesquisa propõe-se a analisar o interesse de crianças hospitalizadas por livros que lhes foram apresentados, buscando encontrar padrões em suas escolhas. As reações de 174 crianças com idades entre 6 e 10 anos foram analisadas. Os resultados mostraram que as crianças tendem a preferir livros em que figuram animais humanizados ou personagens monstruosos que demonstram comportamentos também humanizados. Essas opções foram feitas em detrimento de personagens humanos, sejam eles adultos ou crianças, bem como de animais não personificados e de livros com capas abstratas. Ambiciona-se contribuir para a

* Esta pesquisa está vinculada aos projetos “Efeitos do contato de crianças hospitalizadas com narrativas ficcionais” (Fapesp processo 2022/05782-6), “Entre bichos e monstros: os livros preferidos por crianças hospitalizadas” (Fapesp 2024/05123-8) e “Impactos do contato com narrativas ficcionais em crianças hospitalizadas” (CNPq processo 301698/2022-8). Foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp (CAAE nº 64067622.0.0000.5404).

^I Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, São Paulo, Brasil. *E-mail*: <biaburgos2000@gmail.com>; <<https://orcid.org/0009-0008-3835-154X>>. Bacharel em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

^{II} Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Santos, São Paulo, Brasil. *E-mail*: <santos.melissa@unifesp.br>; <<https://orcid.org/0009-0007-9304-9434>>. Especialista em oncologia pediátrica pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

^{III} Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, São Paulo, Brasil. *E-mail*: <m_abreu@unicamp.br>; <<https://orcid.org/0000-0002-3497-559X>>. Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

obtenção de resultados ideais no trabalho das organizações que levam contadores de histórias aos hospitais e, com isso, proporcionar melhorias na qualidade da internação pediátrica humanizada.

Palavras-chave: contação de histórias; literatura infantil; hospitalização infantil.

Abstract

Between animals and monsters: the favorite books of hospitalized children

Several initiatives have been developed to humanize hospital treatment through recreational activities for hospitalized children including storytelling sessions. It is already known that exposure to storytelling yields positive effects for the overall well-being of children. However, studies examining children's preferences regarding books are still lacking. This study aims to analyze the interest of hospitalized children in books presented to them, seeking to find patterns in their choices. The reactions of 174 children aged between 6 and 10 years were analyzed. The results showed that children tend to opt for books featuring anthropomorphic animals or monstrous characters that demonstrate human-like behaviors. These choices were made to the detriment of human characters, whether adults or children, as well as non-personified animals and books with abstract covers. The intention is to contribute to achieving ideal results in the work of organizations that bring storytellers to hospitals and, thereby, improve the quality of humanized pediatric hospitalization.

Keywords: storytelling; children's literature; pediatric hospitalization.

Resumen

Entre animales y monstruos: los libros predilectos por los niños hospitalizados

Se han desarrollado muchas iniciativas para humanizar el tratamiento hospitalario, mediante actividades recreativas a los niños hospitalizados, entre ellas incluidas sesiones de narración de cuentos. Ya se sabe que el contacto con las narrativas produce resultados positivos para el bienestar general de los niños. Sin embargo, aún faltan estudios que examinen sus preferencias con respecto a los libros. Esta investigación se propone analizar el interés de niños hospitalizados por los libros que se les presentaron, buscando encontrar patrones en sus elecciones. Se analizaron las reacciones de 174 niños de entre 6 y 10 años. Los resultados mostraron que los niños tienden a preferir libros en los que aparezcan animales humanizados o personajes monstruosos que demuestran comportamientos también humanizados. Estas opciones se eligieron en detrimento de los personajes humanos, ya sean adultos o niños, así como de animales no personificados y libros con portadas abstractas. El objetivo es contribuir a lograr la obtención de resultados óptimos en el trabajo de las organizaciones que llevan cuentacuentos a los hospitales y, con ello, proporcionar mejoras en la calidad de la hospitalización pediátrica humanizada.

Palabras clave: narración de cuentos; literatura infantil; hospitalización infantil.

Introdução

Crianças têm suas preferências submetidas à interpretação e ao direcionamento de adultos em níveis diversos em suas vidas, e isso não é diferente em relação ao contato com livros. Suas escolhas têm relativamente pouco espaço na literatura infantil, que é escrita, composta, vendida e comprada por adultos, que agem, na maioria das vezes, de acordo com seus interesses, suas preocupações e convicções sobre o que é melhor para elas – o que nem sempre coincide com os interesses, as preocupações e as convicções dos pequenos leitores. Se as crianças são hospitalizadas, sua capacidade de escolher e decidir fica ainda mais limitada.

No bojo de uma crescente busca pela humanização dos cuidados em saúde¹, muitas iniciativas têm sido desenvolvidas no sentido de propiciar o contato de crianças hospitalizadas com obras literárias por meio de sessões de contação de histórias. Nesse caso, há também uma forte intervenção adulta, pois quem escolhe o livro ou o conjunto de livros a ser levado à criança são os contadores. Apesar de serem muito capacitados e experientes, eles fazem escolhas com base em sua perspectiva. Quando levam em conta características textuais e composicionais, partem do que eles julgam ser bom ou emocionante; quando levam em conta características materiais, baseiam-se naquilo que acham bonito e atraente.

Nikolajeva (2019) questiona a ideia de que adultos podem saber como é ser criança por já o terem sido um dia. Tendo como base evidências biológicas e estudos cognitivos, ela afirma que a reestruturação do cérebro é de tal ordem ao longo do processo de passagem para a vida adulta que os modos de entender e sentir infantis se tornam irremediavelmente perdidos (Nikolajeva, 2019). Ainda que seja inviável um adulto colocar-se integralmente no lugar de uma criança, é possível ter acesso ao que desperta seu interesse por meio de estudos que investiguem suas preferências literárias, o que possibilita uma seleção de livros mais adequada, algo especialmente relevante quando elas vivenciam uma internação hospitalar.

Já se sabe que a contação de histórias apresenta resultados positivos para a criança hospitalizada (Mussa; Malerbi, 2008; Carvalho, 2018; Brondani; Pedro, 2019; Brockington, 2021). Mas será que *qualquer* história produz o mesmo efeito? A falta de pesquisas dificulta a obtenção de resultados ideais no trabalho das organizações que levam contadores de histórias aos hospitais e compromete avanços na melhoria da qualidade da internação pediátrica com a inclusão de atividades lúdicas no tratamento.

Por isso, neste artigo, examinamos as escolhas de leitura realizadas por crianças hospitalizadas, a fim de encontrar indícios de interesses e predileções. Levar o livro ideal para dentro do hospital pode ser a “virada de chave” para a obtenção de resultados ainda mais positivos para o bem-estar infantil.

¹ Entende-se por tratamento humanizado aquele que considera a integralidade do cuidado, isto é, busca a união entre a excelência técnica do tratamento e a construção de relações sólidas entre o paciente, sua família e a equipe de saúde (Torres; Silva; Heitkoetter, 2022). O artigo 9º da Resolução nº 41 do Ministério da Justiça e do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, de outubro de 1995, prevê que toda criança e todo adolescente hospitalizado tem o direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde e acompanhamento de currículo escolar durante sua permanência hospitalar (Brasil. Conanda, 1995).

Oferecendo narrativas ficcionais para crianças hospitalizadas

Para investigar os efeitos da contação de histórias em crianças hospitalizadas, pesquisa coordenada por Márcia Abreu e Guilherme Brockington selecionou diferentes tipos de obras infantis, subdivididas em grupos – narrativas em prosa simples, narrativas em prosa complexas e poesias narrativas. As narrativas simples foram apresentadas às crianças de duas maneiras: em livros impressos e em versões digitalizadas e oralizadas em um dispositivo eletrônico. O tipo de obra a ser apresentado a cada criança foi definido por sorteio, procedimento adotado para evitar viés de seleção na distribuição. Em cada grupo, as crianças puderam escolher entre oito livros distintos e decidir a sequência de títulos a serem lidos durante a sessão, que durava em torno de 30 minutos².

A distinção no nível de complexidade das narrativas não corresponde a um juízo de valor estético ou literário. Ela se baseou simplesmente nas características textuais e composicionais das histórias.

Para os efeitos deste estudo, narrativas simples são aquelas em que as ações são apresentadas linearmente, mantendo entre si tênue conexão, e em que o conflito (isto é, os desafios que os personagens devem superar na tentativa de atingir um objetivo) inexistente ou é trivial. Nesses casos, não há incerteza quanto à possibilidade de se alcançar a meta desejada, o que elimina um possível suspense e torna o desfecho da narrativa previsível. As histórias desenvolvem-se em um arco temporal restrito, ordenado cronologicamente, em um espaço limitado e escassamente descrito. Contam com poucos personagens, com descrição breve ou inexistente, que não passam por mudanças significativas ao longo da história. O narrador, por sua vez, tem papel pouco saliente, atuando, sobretudo, na descrição dos personagens, na introdução dos diálogos e na apresentação dos acontecimentos; sua voz não tem destaque, seja do ponto de vista dos usos de linguagem, seja do ponto de vista da trama. Os diálogos são simples, tanto no tratamento dos assuntos abordados quanto no nível verbal. A linguagem empregada no texto é próxima à coloquial, com predominância de frases curtas, apresentadas em ordem direta, com uso frequente de repetições, diminutivos e clichês. As histórias têm pequena extensão (menos de 400 palavras) e apoiam-se fortemente nas ilustrações.

Os títulos que compõem o conjunto de narrativas simples são: *O grande rabanete*, de Tatiana Belinky, com ilustrações de Claudius; *Até as princesas soltam pum*, de Ilan Brenman, com ilustrações de Ionit Zilberman; *A mãe que voava*, de Caroline Carvalho, com ilustrações de Inês da Fonseca; *Monstro Rosa*, de Olga Dios; *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, de Mem Fox, com ilustrações de Julie Vivas; *A menina da cabeça quadrada*, de Emilia Nunes, com ilustrações de Bruna Assis Brasil; *Gildo*, de autoria e ilustrações de Silvana Rando; *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado*, de Audrey Wood, com ilustração de Don Wood.

² A pesquisa “Efeitos do contato de crianças hospitalizadas com narrativas ficcionais” visa examinar o impacto do contato de crianças com narrativas ficcionais na regulação fisiológica e em funções psicológicas, por meio da análise de biomarcadores (ocitocina e cortisol) e escalas de dor, após uma sessão de 30 minutos de contação de histórias. São consideradas as características textuais e composicionais das obras lidas, bem como a inserção social das crianças e o impacto da presença e um contador de histórias como mediador no contato com a narrativa. Estão sendo analisados os dados de 360 crianças (180 meninos e 180 meninas) entre 6 e 10 anos: metade delas internada no Hospital de Clínicas da Unicamp (Campinas) e metade no Hospital da Criança São Luiz (São Paulo).



Figura 1 – Capas dos livros que compõem o grupo de narrativas simples³

Fonte: Elaboração própria.

As histórias que constituem o conjunto de narrativas complexas não são tão uniformes como as simples; por isso, sua definição contém mais variações e nem todas as características listadas a seguir estão presentes na totalidade dos livros. Nesse conjunto, incluem-se as histórias que se articulam em torno de um conflito ou de uma necessidade de um ou vários personagens, o que o(s) obriga a superar alguma dificuldade. A solução do conflito não é inteiramente previsível, o que cria suspense ou mantém acesa a curiosidade. Os personagens podem cometer erros, ser maldosos, mal-intencionados ou tomar atitudes ambíguas; podem correr riscos e, eventualmente, transformar-se ao longo da narrativa. Apresentam-se elementos suficientes para caracterizá-los do ponto de vista físico e de comportamento; seu caráter é tematizado e tem parte importante no desenvolvimento da trama, de modo que há correlação forte entre personagens e enredo. O grupo de personagens relevantes não se limita a um ou dois. Os diálogos contribuem para fazer o enredo avançar ou para revelar o caráter dos personagens. O narrador pode ser participante, e sua voz pode ser o elemento de destaque, tendo em vista a natureza de seus comentários ou de sua interlocução com os leitores. A linguagem é simples, como convém a narrativas infantis; entretanto, é mais próxima da linguagem escrita formal do que da coloquial; há sentenças relativamente longas, presença de figuras de linguagem e efeitos poéticos. Há também descrições de cenários e ambientes; a extensão é média e, embora sejam ilustradas, as histórias não dependem das imagens para sua sustentação.

Os títulos que compõem o conjunto de narrativas complexas são: *Aladim e a lâmpada maravilhosa*, adaptação de Edson Rocha Braga e ilustrações de Luís Maia; *Pinóquio*, de Carlo Collodi, com ilustrações de Agustí Asensio; *Os músicos de Bremen*, de Jacob Grimm e Wilhelm Grimm, com ilustrações de Michel Boucher; *Ursinho Pooh*, de Alan Alexander Milne,

³ Nas figuras 1, 2 e 3, as dimensões das imagens buscam tornar perceptíveis as diferenças entre os tamanhos e formatos dos livros.

com ilustrações de E. H. Shepard; *O monstro monstruoso e a caverna cavernosa*, de Rosana Rios, com ilustrações de André Neves; *O pequeno Nicolau*, de Jean-Jacques Sempé e René Goscinny; *Ulomma: a casa da beleza e outros contos*, de Sunny, com ilustrações de Denise Nascimento; *As gêmeas de Moscou*, de Luís Fernando Veríssimo, com ilustrações de Rogério Coelho.



Figura 2 – Capas dos livros que compõem o grupo de narrativas complexas

Fonte: Elaboração própria.

Interessa verificar, também, se a forma poética pode conduzir a reações diferentes por parte das crianças. Por isso foi constituído um conjunto de histórias ficcionais em versos. Os livros que compõem esse conjunto são: *Malasaventuras – Safadezas do Malasartes*, de Pedro Bandeira, com ilustrações de Roberto Negreiros; *Um leão dentro de nós*, de Rachel Bright, com ilustrações de Jim Field; *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas*, de Emicida, com ilustrações de Aldo Fabrini; *Aladim e a lâmpada maravilhosa*, de Evaristo Geraldo da Silva; *Macaco danado*, de Julia Donaldson, com ilustrações de Axel Scheffler; *Carona*, de Guilherme Karsten; *Fábulas e Contos em Versos*, de Marília Lovatel, com ilustrações de Alexandre Jales; *Lia e o feitiço da palavra*, de Marília Moreira, com ilustrações de Maria da Betânia Galas.



Figura 3 – Capas dos livros que compõem o grupo de poesias narrativas

Fonte: Elaboração própria.

Apesar das diferenças entre os textos, há similaridades entre os conjuntos, tais como personagens animais, personagens monstruosos, protagonista preto, protagonista do sexo feminino, protagonista masculino, personagem adulto, personagem infantil.

Nas sessões de contação, as contadoras seguem alguns parâmetros: as obras são apresentadas às crianças e, após examinarem as capas, a forma material do impresso e ouvirem resumos dos enredos (que se limitam a um breve apanhado sobre os temas, sem *spoilers*, buscando instigar a curiosidade), elas são instadas a selecionar o livro cuja leitura desejam ouvir. Elas podem escolher uma sequência de títulos, até que o tempo seja atingido. Aqueles que têm contato com narrativas simples digitalizadas e oralizadas também têm acesso a todas as capas dos livros e a um breve resumo de seus enredos antes de realizarem suas escolhas. O resumo foi previamente gravado e, portanto, é apresentado de maneira sempre igual para todas as crianças, o que não ocorre quando os livros são apresentados por contadoras. As crianças também podem selecionar vários livros dentro do período estipulado para a sessão.

Para esta análise, foram considerados dados de 174 crianças, entre 6 e 10 anos de idade, internadas no Hospital de Clínicas da Unicamp (HC) – localizado em Campinas – ou no Hospital da Criança da Rede D’Or São Luiz (HSL) – localizado em São Paulo. Entre elas, 26 tiveram contato com narrativas simples (grupo A); 68, com narrativas simples mediadas por aparelho eletrônico (grupo B); 43, com narrativas complexas (grupo C); e 37 tiveram contato com poesias narrativas (grupo D).

Levantamento dos dados

As escolhas realizadas pelas crianças são anotadas em um formulário especialmente concebido para a pesquisa. Ele conta com uma primeira parte, em que são registrados o código identificador da criança, a idade, o gênero, se estava acompanhada ou não e por quem, se havia livros ou desenhos no quarto. Registra-se, também, se a narrativa foi lida por inteiro ou se houve desistência durante a leitura – nesse caso, em qual página do livro isso aconteceu. Em outro formulário, são coletados dados socioeconômicos e culturais das famílias das crianças internadas em Campinas ou em São Paulo, que vêm de realidades bastante distintas.

As crianças internadas no HSL vivem em uma grande metrópole, enquanto as que estão no HC vêm de realidades mais diversas, que incluem cidades de variados tamanhos, dentro ou fora do estado de São Paulo. Do ponto de vista étnico, são semelhantes, com predominância de brancos (49,6% no HSL e 45,4% no HC), seguidos por pardos (41,4% no HC e 38% no HSL). A diferença mais significativa está na renda e na formação escolar dos responsáveis pelas crianças. Em São Paulo, 78,8% deles passaram pela universidade (graduação e pós-graduação, completas ou incompletas) contra apenas 16,1% no HC. As crianças internadas no HSL vivem em famílias cuja renda mensal é superior a R\$ 7.000,00 (50,4%), ao passo que, no HC, a maioria (91,8%) vive com renda inferior a isso. A maior semelhança está no fato de as pessoas responsáveis pelo cuidado das crianças internadas serem mulheres – mães, avós ou tias –, com números quase idênticos em ambos os hospitais (79,7% no HC e 79,6% no HSL).

Do ponto de vista da formação escolar das crianças, também há diferenças: no HSL a maioria (62,8%) frequenta escola particular, enquanto no HC quase todas estudam em escolas públicas (91,9%). A maior parte delas é capaz de ler sozinha, segundo depoimento dos responsáveis (75% no HSL e 69,9 no HC). Entre elas, a maioria costuma ler em casa (83,3% no HSL e 81,1% no HC) e escutar leitura oral feita por parentes (70,8% no HSL e 59,5% no HC). Os tipos de livros com os quais as crianças têm contato em casa (seja em leitura solitária ou com a mediação dos parentes) são os mesmos em ambos os lugares: livros infanto-juvenis, gibis/histórias em quadrinhos e livros religiosos.

Bastante distinto também é o ambiente hospitalar. Na enfermaria pediátrica do HC, a maioria dos quartos conta com dois leitos (embora haja quartos maiores, com até quatro leitos), munidos de equipamentos de monitoração, camas para os pacientes, poltronas reclináveis para os acompanhantes, armário, televisão e banheiro. O ambiente é ruidoso, devido ao número de pessoas no quarto e ao fato de que as portas costumam ficar abertas para favorecer a ventilação, uma vez que não há ar-condicionado. Os acompanhantes e as crianças têm acesso ao uso de celulares e aparelhos eletrônicos, e os televisores dos quartos ficam ligados na maior parte do tempo, o que também contribui para o ruído ambiente. Quando não estão passando por algum exame ou procedimento que as retenha no leito, as crianças podem circular pelos corredores e pelo pátio da enfermaria, e desfrutar de momentos de recreação coletivos. As crianças que estão em Unidade de Terapia Intensiva (UTI), evidentemente, não podem se afastar dos leitos, que são dispostos ao redor do posto de enfermagem, localizado no centro do cômodo. O local comporta 20 leitos, diversos equipamentos de monitoramento e um televisor para cada criança, que exibe filmes e desenhos infantis. Ao lado de cada cama, há uma cadeira para o acompanhante, cuja visita é permitida apenas em horários pré-determinados.

No HSL, a maioria dos quartos são de leito único, sendo raras as exceções em que há mais de uma criança no mesmo ambiente, mesmo quando estão em UTI. As acomodações contam com camas para os pacientes, poltronas reclináveis e sofá para os acompanhantes, armário, televisão, banheiro, mesa com cadeira, frigobar e ar-condicionado. O ambiente é silencioso, devido à pequena quantidade de pessoas por quarto (em geral, apenas a criança e seu acompanhante) e ao fato de que as portas costumam ficar fechadas. A maior parte do ruído vem da televisão, que fica ligada na maioria dos quartos, e dos aviões que sobrevoam o local, pois há um aeroporto na região. Quando não estão em isolamento ou em leitos de terapia intensiva, as crianças podem sair dos quartos para frequentar as brinquedotecas. Elas estão presentes em cada um dos andares de enfermaria para que as crianças possam desfrutar de momentos lúdicos com os acompanhantes e com outros pacientes internados.

Tanto em Campinas quanto em São Paulo, participaram das sessões de contação crianças que estavam conectadas a aparelhos de monitoração ou recebiam algum tipo de medicamento intravenoso, assim como as que não estavam conectadas a nenhum tipo de dispositivo, tanto em UTI quanto em enfermaria.

As crianças escolhem

Apesar de haver diferenças expressivas entre a condição social das crianças e entre os dois hospitais, as escolhas feitas por elas foram bastante homogêneas.

Tendo em vista o tempo disponível na sessão, as contadoras podem realizar a leitura de diversos livros, especialmente se forem do grupo de narrativas simples ou de poesias narrativas, que são bastante curtas. No entanto, em geral, só é possível ler duas histórias complexas, em virtude de sua extensão. Assim, limitamos a observação aos dois primeiros títulos no caso das narrativas complexas e aos três primeiros, no caso das narrativas simples e poesias narrativas.

A Tabela 1 expõe os três livros mais selecionados pelo grupo A, composto pelas 26 crianças que tiveram contato com narrativas simples mediadas por contador.

Tabela 1 – Grupo A: narrativas simples mediadas por contador

Livro	1ª escolha HSL	2ª escolha HSL	3ª escolha HSL	1ª escolha HC	2ª escolha HC	3ª escolha HC	Total
<i>O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado</i>	2	3	3	1	4	2	15 (57,6%)
<i>Gildo</i>	2	3	2	3	1	2	13 (50%)
<i>O grande rabanete</i>	2	0	3	5	2	0	12 (46,1%)

Fonte: Elaboração própria.

Os títulos mais escolhidos nesse grupo têm um importante traço em comum: em todos eles, há animais personificados na capa. *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado* traz um rato, no topo de uma escada, com um ar malandro e um dedo em riste sobre a boca, como quem pede segredo. *Gildo* mostra um elefante, ainda mais humanizado, pois usa uma camisa de botão, e tem, ao seu lado, um pássaro vestido com uma camiseta listrada. O elefante tem olhos arregalados, assim como o pássaro, e está ruborizado. *O grande rabanete* apresenta um rato, sem roupas humanas, mas apoiado sobre duas pernas, com as mãos na cintura, como faria um humano. Ele tem as bochechas vermelhas e um leve sorriso nos lábios. Igualmente sorrindo, uma minhoca atravessa a letra “O”, no início do título. Há também semelhanças nos resumos dos enredos apresentados às crianças no momento que antecede as escolhas. *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado* conta a história de um pequeno rato que se esforça de várias maneiras para evitar que um urso coma o morango maduro que ele acaba de colher. *Gildo* narra a história de um elefante muito valente, que sente um grande medo de uma única coisa; e é esse medo que ele vai ter que enfrentar na história. *O grande rabanete* mostra como é difícil retirar do chão um rabanete gigantesco. Em todos os casos, a apresentação dos resumos termina com um gatilho do tipo: “será que ele vai conseguir?”.

O mesmo conjunto de livros está presente no grupo B, mas eles são apresentados às crianças por meio de um *tablet*. Nesse caso, como se observa na Tabela 2, as escolhas das 68 crianças foram ligeiramente diferentes daquelas realizadas pelo grupo A em relação aos livros físicos.

Tabela 2 – Grupo B: narrativas simples mediadas por equipamento eletrônico

Livro	1ª escolha HSL	2ª escolha HSL	3ª escolha HSL	1ª escolha HC	2ª escolha HC	3ª escolha HC	Total
<i>Monstro Rosa</i>	7	11	2	8	11	3	42 (61,7%)
<i>O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado</i>	13	3	8	3	4	6	37 (54,4%)
<i>O grande rabanete</i>	5	9	4	15	3	1	37 (54,4%)

Fonte: Elaboração própria.

Ainda que dois títulos se repitam em relação ao grupo A, destaca-se um livro poucas vezes selecionado naquele conjunto: *Monstro Rosa*, que, na versão impressa, foi escolhido apenas três vezes no HC e outras três no HSL, e nunca como primeira opção. A capa do livro retrata um sorridente monstro, que tem um único olho no alto da cabeça e o corpo todo coberto de um espesso pelo cor-de-rosa. Ele tem duas pequenas orelhas, unhas vermelhas nos pés e nas mãos, e segura uma casinha em uma das mãos. Na apresentação do livro, as contadoras dizem às crianças que se trata de um monstro diferente de todos os outros e que, por isso, não se sente bem no lugar onde vive. Ele decide viajar em busca de um lugar melhor. “Será que vai conseguir?”

Alguns elementos podem ter levado à diferença na escolha das crianças, entre eles o fator humano. A forma de oferecer os livros pode variar de dia para dia, de contadora para contadora, de criança para criança. Ao encontrar um paciente mais desanimado, por exemplo, a contadora pode ter sido induzida a apresentar primeiro aquele livro de que gosta mais, ou até mesmo a apresentar os resumos de forma mais animadora. Por sua vez, aqueles que tiveram a contação mediada por aparelho eletrônico escutaram um resumo previamente gravado que, portanto, foi sempre o mesmo, assim como foi sempre a mesma ordem de apresentação dos títulos, o que não ocorre entre as contadoras. Assim, a ordem de exibição das obras, o entusiasmo da contadora e o conteúdo da apresentação podem estar na base da diferença entre os dois grupos. Mesmo assim, importa destacar a coincidência na escolha dos outros dois títulos (*O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado e O grande rabanete*), que atraíram a atenção das crianças seja quando tiveram um aparelho eletrônico em mãos, seja quando se encontraram com uma contadora.

O tema dos monstros e dos animais voltou a se destacar no grupo C, em que 43 crianças tiveram contato com narrativas complexas.

Tabela 3 – Grupo C: narrativas complexas mediadas por contador

Livro	1ª escolha HSL	2ª escolha HSL	1ª escolha HC	2ª escolha HC	Total
<i>Pinóquio</i>	6	3	4	5	18 (41,8%)
<i>O monstro monstruoso e a caverna cavernosa</i>	8	3	3	3	17 (39,5%)
<i>Os músicos de Bremen</i>	1	6	5	4	16 (37,2%)

Fonte: Elaboração própria.

Mais uma vez, nenhum dos livros mais escolhidos traz na capa pessoas, sejam elas adultas ou crianças. *Pinóquio* mostra um boneco de madeira, com feições bem humanas, mas com braços e pernas em que se destacam articulações presas por parafusos. Ao seu lado, um grilo – com casaco, cachecol, luvas e cartola – parece espantado. O segundo livro mais escolhido, *O monstro monstruoso e a caverna cavernosa*, apresenta um ser semelhante a um inseto, com dois dentes pontudos, três orelhas e raros cabelos no alto da cabeça, dentro do buraco de uma estilizada caverna. *Os músicos de Bremen* traz um desenho realista de um burro, em cujas costas há um cachorro, um gato e um galo, todos olhando para dentro de uma janela. Ainda que não sejam humanizados por meio de roupas ou atitudes, os animais da capa têm um ar sorridente.

As contadoras apresentam esses livros dizendo que *Pinóquio* conta a história de um boneco de madeira que gostaria de se tornar humano, mas que não consegue ficar longe de confusões que o levam a passar por diversas aventuras. Nesse caso, é provável que as crianças já tivessem conhecimento do personagem, que está presente em diferentes adaptações em vídeos, ilustrações e ornamentações de produtos variados. Já o *Monstro monstruoso* deve ser menos conhecido. Pelo resumo do enredo, as crianças ficam sabendo que ele não se interessava em comer princesas, como seria sua obrigação. Tudo ia bem, até que recebeu

uma carta informando que deveria cumprir seu dever e devorar princesas. Por sua vez, *Os músicos de Bremen* são um burro, um cachorro, um gato e um galo, que são abandonados por seus donos por estarem velhos e inúteis. Eles resolvem se unir em uma grande aventura: chegar à cidade de Bremen, onde eles acreditam que vão poder se tornar músicos. Ao final dos resumos, como no grupo anterior, há perguntas do tipo: “Será que eles vão conseguir?”; “O que será que ele vai fazer?”.

Entre as 37 crianças que participaram do grupo que ouviu poesias narrativas, o interesse por histórias protagonizadas por animais se confirma.

Tabela 4 – Grupo D: poesias narrativas mediadas por contador

Livro	1ª escolha HSL	2ª escolha HSL	3ª escolha HSL	1ª escolha HC	2ª escolha HC	3ª escolha HC	Total
<i>Macaco danado</i>	7	6	1	5	5	1	25 (67,5%)
<i>Carona</i>	1	3	6	4	3	2	19 (51,3%)
<i>Um leão dentro de nós</i>	5	1	3	5	3	0	17 (45,9%)

Fonte: Elaboração própria.

Entre os títulos mais escolhidos nesse grupo, uma vez mais, figuram animais nas capas e nos títulos. *Macaco danado* apresenta uma mata verde em cujo centro está sentado um macaco, com feições humanas, dedo na boca e ar de dúvida. À sua direita, há uma borboleta sorridente, com expressão humana, e à esquerda, uma lagarta, que também sorri. O enredo resume-se a uma conversa entre o pequeno macaco e uma borboleta, que se dispõe a ajudá-lo a encontrar sua mãe, mas sempre se confunde com as indicações oferecidas por ele. *Carona* tem a capa com menos detalhes entre todas as escolhidas: ela é composta apenas por um fundo vermelho e uma mão amarela fechada, com polegar apontando para o lado, num gesto comum a quem pede carona. Ele conta a história de um surfista, que deseja ir à praia, mas é interrompido, a todo momento, por seres que lhe pedem carona. *Um leão dentro de nós* mostra a parte superior da cabeça de um leão que, com ar sisudo, olha para um pequeno rato orelhudo que está sobre sua juba. O rato, visto de perfil, tem um enorme olho amarelo e ar assustado. Ele quer ser notado pelos outros animais; por isso, decide que precisa aprender a rugir, o que só o leão pode lhe ensinar. Em todos os casos, as contadoras instigam a curiosidade das crianças com perguntas do tipo: “será que ele vai conseguir o que quer?”.

Os resultados obtidos em cada grupo permitem perceber padrões, pois há elementos que se repetem, independentemente do grupo sorteado e do hospital em que as crianças estavam internadas. Como já dito, elas poderiam escolher livros com personagens negros, brancos, meninos, meninas, pessoas adultas, gênios, feiticeiras, princesas. Mas nada disso despertou tanto interesse quanto animais humanizados e monstros. Tendo em mente que a escolha se baseou na capa, no título e no resumo do enredo, essas tendências podem ser um

importante indício das preferências temáticas e imagéticas das crianças. Durante as sessões, não houve pedidos de interrupção da leitura, o que é mais um indício do interesse delas por narrativas que envolvem animais e monstros humanizados.

Discussão

Diversos estudos no campo da teoria literária e do mercado editorial destacam a forte presença de animais personificados em livros infantis. Dunn (2011, p. 2, tradução nossa), em uma revisão bibliográfica de 120 títulos norte-americanos com presença de animais, afirma:

Animais falantes tornaram-se comuns no âmbito da literatura infantil e talvez até sejam esperados. Animais de todas as variedades povoam livros ilustrados e até mesmo livros com capítulos, e exibem vários graus de características humanas. Esse antropomorfismo não se limita a falar, mas também inclui usar roupas, andar ereto, cozinhar, tocar instrumentos e morar em casas. Do ponto de vista do comportamento, os animais totalmente antropomórficos são quase indistinguíveis dos humanos; eles vão à escola, dirigem carros e lidam com os mesmos problemas e preocupações diárias que os humanos enfrentam.⁴

Não se trata, portanto, de animais que se comportam como tal, e sim de bichos que agem, pensam e sentem como humanos.

Em outra pesquisa, Armstrong (2010) levantou os 150 livros infantis de capa dura mais vendidos de todos os tempos nos Estados Unidos e observou que 52 deles são explicitamente “livros sobre animais”, trazendo informações sobre eles, apresentando-os como personagens principais ou em papéis secundários. Eles exibem traços antropomórficos, desde falar ou pensar como humanos até usar roupas e andar eretos. A autora compara os livros infantis à Arca de Noé e argumenta que, quando mais de um terço dos *bestsellers* infantis, ao longo do tempo, têm um elemento temático comum, podemos assumir que isso não é apenas uma moda passageira, mas uma preferência estabelecida (Armstrong, 2010).

Armstrong não foi a única a aproximar a literatura infantil da narrativa cristã da Arca de Noé. Marc Soriano, citado por Nelly Novaes Coelho, em livro que explora a teoria, a análise e a didática da literatura infantil, comenta:

A literatura infantil faz lembrar uma “arca de Noé”, indefinidamente extensível, onde se juntam os animais mais insólitos: os coelhos e os gatos inquietantes de Lewis Carroll; o burro rancoroso mas aperfeiçoável da Condessa de Ségur; os gansos selvagens de Selma Lagerlof; os espertos animais da fazenda de Benjamin Rabier ou de Probsts; o terno Bambi de Félix Salten; o elefante suscetível e ruborizado de Jean e Lauren Brunhoff; lobos e patos coléricos, sutis ou meditativos de Serge Prokofiev, Marcel Aymé ou Walt Disney. [...] Os quadrinhos, a televisão e o cinema não cessariam de enriquecer esse bestiário. (Soriano, 1975 *apud* Coelho, 1981, p. 167).

⁴ No original: “Talking animals have become commonplace in the realm of children's literature, and are perhaps even expected. Animals of every variety populate picture books and even chapter books, and display varying degrees of human-like characteristics. This anthropomorphism is not limited to talking, but also includes wearing clothing, walking upright, cooking, playing instruments, and living in houses. Behaviorally, those animals who are fully anthropomorphic are almost indistinguishable from humans; they go to school, drive cars, and deal with the same daily issues and concerns that humans have.”

O apanhado de referências reúne obras de diversos países, desde a Rússia de Serge Prokofiev à Áustria de Félix Salten; desde textos antigos, como os da Condessa de Ségur, até recentes, como os de Walt Disney, sugerindo que o interesse por animais humanizados tem grande alcance ao longo do tempo e em distintas localidades.

Da mesma forma, seres monstruosos antropomorfizados também povoam a literatura infantil há séculos (Christie, 2020). Lauren Christie, em “The evolution of monsters in children’s literature”, esclarece que a compreensão geral do termo “monstro” e sua representação imagética modificaram-se ao longo do tempo. Apesar de se tratar de criaturas essencialmente assustadoras, paulatinamente passaram a ser representadas por meio de ilustrações coloridas e com comportamento amigável e não ameaçador – como é o caso dos livros com personagens monstruosos que compõem o *corpus* desta pesquisa. Segundo a autora, na produção recente, a figura monstruosa é frequentemente encontrada “defendendo o bem contra o mal, sendo capaz de ajudar uma criança em questões turbulentas, ou como um camarada que se propõe a acompanhá-las em grandes aventuras” (Christie, 2020, p. 2, tradução nossa)⁵.

Maynes (2020) pesquisou livros infantis publicados nos séculos 20 e 21 e percebeu que os monstros estão frequentemente presentes nas histórias infantis para dormir, representando vários medos comuns da infância, especialmente aqueles relacionados à noite. Segundo a autora, eles ajudam as crianças a gerir seus temores, recorrendo a estratégias psicológicas em associação com recursos literários e imagens. Os livros ilustrados contemporâneos muitas vezes apresentam monstros e crianças que subvertem e minam deliberadamente o medo associado às figuras monstruosas, como é o caso dos livros incluídos no *corpus* desta pesquisa.

As crianças participantes deste estudo escolheram preferencialmente livros com personagens não humanos antropomorfizados, sejam eles monstros ou bichos. Destacaram também *Pinóquio*, que, não sendo monstro ou animal, tampouco humano, é um ser fantástico, que, assim como os demais, fala e age como uma pessoa. Ele interage com outros personagens fantásticos, como a fada, e com animais humanizados, como o Grilo Falante ou o gato Gedeão e a raposa João Honesto. O livro *Carona*, que não alude a situação fantástica, seja no título, seja na ilustração, aproxima-se do insólito, pois narra a história de um surfista que, em seu pequeno carro, dá carona para sete personagens e seus equipamentos, como um músico com seu enorme contrabaixo, um escafandrista e seu material de mergulho, além de personagens distantes do mundo real, como um jacaré entediado e um super-herói cansado.

A predileção das crianças torna-se mais evidente quando se observa que foram pouco ou nada escolhidos os livros com protagonistas humanos presentes nas capas, como *Aladim*, *Malasaventuras* e *Ulomma*. Até mesmo livros em que figuram crianças na capa – *O pequeno Nicolau*, *Guilherme Augusto Araújo Fernandes* e *As gêmeas de Moscou* –, com as quais os pequenos pacientes poderiam se identificar, foram pouco selecionados para leitura.

Considerações finais

Histórias com animais, monstros e seres fantásticos possivelmente oferecem uma oportunidade de afastamento do cotidiano hostil, do mundo real e humano. A situação peculiar em que a pesquisa foi realizada deve também ser considerada. A criança hospitalizada

⁵ No original: “This figure can often be found championing good over evil, one that is able to help a child through turbulent issues, or as a comrade setting out to accompany them on great adventures.”

passa por uma brusca ruptura de sua rotina familiar e vivencia desafios emocionais, como medo, ansiedade e culpa (Carvalho, 2018). O isolamento (parcial ou total) e o ambiente pouco acolhedor em que se encontra possivelmente afetam a mobilização de seu interesse. Essas histórias distanciam-se da realidade em que a criança se encontra, ao mesmo tempo que oferecem elementos para elaborar temas como perda e medo, tal como acontece, por exemplo, em *Gildo* ou em *Macaco danado*. Auxiliam também na reflexão sobre o sentimento de não pertencimento, como em *Monstro rosa* e em *Um leão dentro de nós*. Ajudam a criar coragem para enfrentar problemas grandes, como em *O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado* e *O grande rabanete*. A partir do breve resumo do enredo com que teve contato antes de realizar a escolha, a criança pode ter se identificado com as dificuldades enfrentadas pelos personagens, monstros ou animais, e imaginado que poderia se transportar para longe da situação desagradável em que se encontra.

Os desafios psicológicos enfrentados por crianças hospitalizadas podem ajudar a compreender seu interesse por seres fantásticos, animais falantes e monstros engraçados; no entanto, não se pode afirmar que a preferência delas seja definida pela situação de adoecimento e internação, uma vez que não foi feita uma pesquisa comparativa com crianças saudáveis da mesma faixa etária e com os mesmos títulos que compuseram o *corpus* deste estudo. Pesquisas futuras podem investigar mais a fundo essa questão.

Próximas pesquisas também devem buscar entender o desinteresse por livros em cujas capas figuram seres humanos, ainda menos escolhidos quando eram pretos, o que sugere que raça pode ter influência nas escolhas das crianças. *A mãe que voava, E foi assim que eu e a escuridão nos tornamos amigas*, *Caderno de rimas do João* e *Ulomma*, em que há crianças e adultos negros na capa, foram pouco ou nunca escolhidos. Segundo dados do formulário de identificação socioeconômica e cultural, praticamente metade das crianças foram autodeclaradas brancas por seus responsáveis, seguidas por pardas, o que pode ter influenciado a rejeição a esses livros.

Esse tema é particularmente interessante se considerarmos que, na Bienal do Rio de Janeiro, realizada em 2023, ao mesmo tempo que este estudo foi desenvolvido, os livros mais comprados tinham como tema questões relacionadas à cultura, história e vivência de pessoas negras. No estande da Companhia das Letras, o campeão de vendas foi *Neguinha, sim!*, de Renato Gama. O segundo colocado foi *Amoras*, de Emicida. O terceiro foi *Cinderela e o baile dela*, de Janaina Tokitaka, que tem como protagonista uma Cinderela negra e aborda o empoderamento feminino. *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas*, livro que fez parte do *corpus* desta pesquisa e foi um dos menos escolhidos pelas crianças internadas, ficou em quarto lugar entre os mais vendidos da editora. Entre os vinte títulos mais comercializados pela Companhia das Letras na Bienal, apenas dois traziam animais nas capas, enquanto quatorze tratavam de questões sociais, raciais e de diversidade ilustradas por personagens negras na capa. Ana Tavares, editora executiva do núcleo infantil da Companhia das Letras, acredita que essa tendência pode ser um reflexo dos anseios da sociedade por mais títulos que contemplem essas questões, bem como pode se dever a dois outros fatores fundamentais: o preço mais acessível da coleção Canoa, da qual fazem parte vários dos títulos relativos a questões de representatividade; e a lista de obras sugeridas para adoção escolar, elaborada pela Secretaria de Educação do Rio de Janeiro em parceria com o departamento de educação da editora: “na lista, estão os principais títulos com protagonismo negro em nosso catálogo e, não à toa, vários deles acabaram se tornando destaques no *ranking* de vendas”, explica Ana Tavares (Companhia das Letras, 2023).

A discrepância entre as escolhas feitas pelas crianças hospitalizadas e aquelas realizadas pelos compradores de livros na Bienal reforça a ideia apresentada neste trabalho, segundo a qual as escolhas e as perspectivas das crianças têm relativamente pouco espaço na literatura infantil, que é escrita, editada, vendida e comprada por adultos, cujos interesses e preocupações nem sempre coincidem com os dos pequenos leitores. Os fatores mencionados por Ana Tavares, que possivelmente influenciaram as vendas na Bienal, são ambos pouco relacionados ao interesse infantil pelo livro, mas sim à motivação de compra do adulto – seja porque considera os preços mais baixos como fator relevante para a compra, seja por seguir uma lista de livros solicitados pela escola, seja porque deseja apresentar e discutir questões sociais e raciais com crianças de seu entorno.

Os livros lançados pelas editoras não devem, necessariamente, contemplar apenas temáticas de interesse das crianças, evidentemente. Escolhas e estratégias editoriais podem ter por objetivo desafiá-las, apresentando-lhes temas e situações novas, que as levam a crescer e se desenvolver como leitoras – muitas vezes contemplando anseios da sociedade como as questões sociais e raciais. No entanto, conhecer o interesse infantil é importante e necessário, em especial quando se pensa nos livros ideais a serem levados a crianças hospitalizadas.

Agradecimentos

A equipe de pesquisadores é composta por Márcia Abreu (Unicamp) e Guilherme Brockington (UFABC), Melissa Santos, Artur Cintra e Thamires Dias (psicólogos), Beatriz Burgos (estudante Unicamp), Mariana Tresoldi (pediatra – Hospital de Clínicas da Unicamp), Silianny de Fátima Jandotti Pesconi (chefe da enfermagem do HC), Juliana de Lima Teodoro e Eliana Soares e Amanda Carvalho Brandão (equipe de enfermagem do Hospital da Criança São Luiz). A ONG Viva e Deixe Viver participa do projeto por meio da formação e do acompanhamento dos contadores de histórias. Agradecemos a colaboração das contadoras Márcia Maria Santos do Rosário, Maria Elisabete Fernandes Dias e Victória do Monte Rodrigues, que atuaram no Hospital de Clínicas da Unicamp e Ana Maria Simões Sardinha Matias, Dora Estevez, Fatine Chamon, Maria Lúcia Dias de Barros, Raquel Luciana da Motta Silva, Vera Regina Whitaker Carneiro Gracitelli, que atuaram no Hospital da Criança São Luiz. Sem seu empenho e dedicação, esta pesquisa seria inviável.

Referências

ARMSTRONG, J. *Eating reading animals*. [S. l.], May 2010. Disponível em: <https://www.hbook.com/story/eating-reading-animals>. Acesso em: 24 out. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda). Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995. Aprova em sua íntegra o texto oriundo da Sociedade Brasileira de Pediatria, relativo aos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 17 out. 1995. Seção 1, p. 16319.

BROCKINGTON, G. et al. Storytelling increases oxytocin and positive emotions and decreases cortisol and pain in hospitalized children. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, [S. l.], v. 118, n. 22, e2018409118, May 2021.

BRONDANI, J. P.; PEDRO, E. N. R. The use of children's stories in nursing care for the child: an integrative review. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, DF, v. 72, n. 3, p. 333-342, dez. 2019.

CARVALHO, C. B. M. Biblioteca viva em hospitais: a importância da leitura como estratégia de humanização, a experiência do Instituto Fernandes Figueira. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 143-154, maio/ago. 2018.

CHRISTIE, L. The evolution of monsters in children's literature. *Palgrave Communications*, [S. l.], v. 6, n. 41, p. 1-7, Mar. 2020.

COELHO, N. N. *A literatura infantil: história, teoria, análise (das origens orientais ao Brasil de hoje)*. São Paulo: Quiron; Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1981.

COMPANHIA DAS LETRAS. *Bienal do Livro do Rio: mais vendidos retratam questões sociais e raciais*. [S. l., 2023]. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/BlogPost/6555/bienal-do-livro-do-rio-mais-vendidos-retratam-questoes-sociais-e-raciais>. Acesso em: 11 nov. 2025.

DUNN, E. A. *Talking animals: a literature review of anthropomorphism in children's books*. 2011. Master's paper (Master of Science in Library Science) - School of Information and Library Science, University of North Carolina, Chapel Hill, 2011.

MAYNES, M. L. Monsters at bedtime: managing fear in bedtime picture books for children. *Humanities and Social Sciences Communications*, [S. l.], v. 7, n. 63, p. 1-7, Aug. 2020.

MUSSA, C.; MALERBI, F. E. K. O impacto da atividade lúdica sobre o bem-estar de crianças hospitalizadas. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 83-93, dez. 2008.

NIKOLAJEVA, M. What is it like to be a child? Childness in the age of neuroscience. *Children's Literature in Education*, [S. l.], v. 50, p. 23-37, 2019.

TORRES, H. C. C.; SILVA, G. L.; HEITKOETTER, D. A. *Humanização no atendimento da criança e do adolescente*. [S. l.], 23 maio 2022. Disponível em: <https://redehumanizaus.net/humanizacao-no-atendimento-pediatico/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

Depósito preprint: 29/02/2024 (<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.8127>).

Recebido em 12 de julho de 2024.

Aprovado em 25 de junho de 2025.

Editora científica responsável: Clara Etienne Lima de Souza.

Disponibilidade de Dados:

Após a publicação os dados estarão disponíveis sob demanda aos autores.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).